

## PRÁTICAS SOCIAIS DE LEITURA POR LEITORES UNIVERSITÁRIOS

---

*Social reading practices by university readers*

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo é fruto de uma parte dos dados construídos em uma pesquisa desenvolvida sobre a constituição do professor-leitor universitário. Nesta direção, traz as concepções teóricas epistemológicas assumidas sobre a temática central. Para tal, teve como objetivos: (i) conhecer a história de leitura de leitores universitários; (ii) identificar situações de leitura destes leitores universitários;

(iii) reconhecer as concepções e as relações estabelecidas com a leitura destes leitores, e; (iv) Propor novos caminhos investigativos em leituras com leitores universitários. Os dados foram construídos a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado e analisados com base nas temáticas contidas nas referidas questões. Em linhas gerais, os resultados evidenciaram que a história leitora é marcada pelos contextos sócio-históricos dos quais estes leitores participam.

Palavras-chave: histórias de leitura; práticas de leitura; leitores universitários.

### Abstract

This article is the result of a part of the data constructed in a research on the constitution of the university professor-reader. In this direction, it brings the theoretical epistemological conceptions assumed on the central theme. To this end, it had as objectives:

(i) to know the reading history of university readers; (ii) identify reading situations of these university readers; (iii) recognize the conceptions and relationships established with the reading of these readers, and; (iv) Propose new investigative ways in reading with university readers. The data were constructed from a semi-structured interview script and analyzed based on the themes contained in the mentioned questions. In general, the results showed that the reading history is marked by the socio-historical contexts from which these readers participate.

**Keywords:** reading history; reading practices; university readers.

---

1 Doutorado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco - Brasil. Professora da Universidade Estadual da Paraíba - Brasil.

Recebido em 25 de maio de 2017

Aceito em 3 de julho de 2017

## Introdução

A relevância da leitura é inquestionável, pois esta atividade proporciona ao leitor participar de inúmeros contextos sócio-históricos das práticas de linguagens nas quais as comunicações verbais acontecem. São inúmeras também as necessidades e desejos expressos pelo leitor frente ao conhecimento que este busca apreender. Pensada desta forma, entende-se que a leitura é um processo que favorece o desenvolvimento da consciência crítica dos sujeitos, por meio das experiências de leitura vivenciadas nas instituições sociais e culturais com outras pessoas.

Além disso, defende-se também que a leitura é uma prática social inclusiva, pois favorece a construção da cidadania do leitor, uma vez que o ato de ler, implica em posições de concordância, de oposição ou de complementação com os demais interlocutores com quem se estabelece interação comunicativa. Assim, este estudo emergiu desta perspectiva de leitura e de leitor.

Apoiados na perspectiva de leitura e de leitor assumida, o estudo aqui desenvolvido, teve como objetivos:

- (i) conhecer a história de leitura de leitores universitários; (ii) identificar situações de leitura destes leitores universitários; (iii) reconhecer as concepções e as relações estabelecidas com a leitura destes leitores, e; (iv) propor novos caminhos investigativos em leituras com leitores universitários.

Com efeito, adiante neste artigo, discorre-se sobre as considerações teóricas que delimitam o campo e a perspectiva de discussão tecida acerca dos componentes envolvidos na produção de leitura, da posição assumida de leitura como gesto de inclusão social a partir de pesquisas que vão ao encontro de tal assunção. Traz ainda o percurso metodológico, a análise e discussão dos dados sistematizados em quatro temáticas a saber: (A) a constituição dos leitores; (B) as situações de leitura; (C) relação com a leitura, e; (D) definição de leitura. Por último, apresenta as considerações finais ao mesmo tempo, aponta propostas para novos caminhos investigativos em leitura com leitores universitários.

## Os componentes envolvidos na produção de leitura

A leitura é uma atividade social amplamente realizada nas sociedades contemporâneas cuja comunicação é constituída tanto pela linguagem verbal como não verbal. Tendo em conta a diversidade de perspectivas que esta temática é abordada, faz-se necessário explicitar a posição assumida aqui. Assim, em seguida, tratar-se-á as noções de linguagem, de língua, de texto, de sujeito que se configuram como parte dos componentes envolvidos na concepção de leitura adotada.

Em primeiro lugar, defende-se a noção de linguagem como transformadora que se constitui nos processos interacionais estabelecidos entre homens numa realidade social situada. A modalidade da linguagem verbal é aqui focalizada, sendo esta concebida como produção, como trabalho humano, e é na/pela mediação intersubjetiva, presentificadas em inúmeros contextos sociais que este fenômeno verbal vai assumindo contornos. Neste sentido, “O princípio teórico fundamental, então, é considerar que há uma relação entre linguagem e exterioridade que é constitutiva” (Orlandi, 2006a, p.18)

Ao tomar a linguagem como constituída pela exterioridade, têm-se imbrincada a esta posição a noção de língua, concebida como um sistema simbólico aberto de comunicação entre falantes, porém esta noção é observada a partir do funcionamento histórico-cultural e sociocognitivo por meio das inúmeras situações comunicacionais realizadas na vida cotidiana. Contudo, não se subestima a forma sistemática nem deixa de observar a regularidade do sistema linguístico próprio da língua natural em que se travam as trocas comunicativas, trata-se pois de uma perspectiva que prima pela heterogeneidade dos signos linguísticos envolvidos nos acontecimentos enunciativos da língua. (Marcuschi, 2008)

Com efeito, a linguagem verbal se materializa em textos, assim, a partir da noção de incompletude, de inacabamento por conta da instalação de um espaço comunicacional intersubjetivo uma vez que o texto não é tomado como um material fechado em si mesmo, como uma produção estática, mas como constituído pelo

movimento interacional entre autor e leitor. Neste sentido, o texto não é lugar de informações, completas ou a serem preenchidas, mas é processo de significação, lugar de produção de sentidos que se instala entre os interlocutores. (Orlandi, 2006b)

Consoante com a concepção de texto como processo de significação intersubjetiva entre autor e leitor assumida neste trabalho articula-se à categoria intertextualidade, já que a produção de sentidos, evoca também a relação de um texto com outros textos. Desta forma, os sentidos que são produzidos no texto lido não estão encerrados nele mesmo, porque o sentido não é dado a priori pelo texto que se lê, mas por meio de uma produção colaborativa discursiva que aponta para a posição de que o sentido pode ser outro levando em conta a premissa de que há o encontro entre a história de produção do texto com a história de leitura do leitor. (Orlandi, 2006a)

Nestes termos são admitidas outras possibilidades que não apenas aquelas ditas no texto, que não estão ditas porém estão postas, subentendidas, porque o leitor produz sentidos a partir das práticas de leituras vivenciadas anteriormente a leitura do texto que está em contato, e ao mesmo tempo produz sentidos que apontam para leituras futuras, pois o texto pode evocar sentidos que ainda não se constituem em conhecimentos e saberes que o leitor tenha construído na sua trajetória leitora, portanto um processo aberto, incompleto e em continua formulação. (Orlandi, 2006a, 2006b, 2008, Ducrot, 1987)

Outro componente importante que merece destaque é a noção de sujeito aqui posicionada. Na perspectiva assumida sujeito e sentido se constituem mutuamente por meio da articulação da língua com os acontecimentos históricos interconectados pela ideologia. Esta có-constituição sujeito/sentido se efetiva pelo movimento da língua na história, melhor dizendo, é o acontecimento do objeto simbólico, entendido como a historicidade da língua que afeta a produção de sentidos dos sujeitos. “[...] Algo no mundo tem de ressoar no “teatro da consciência” do sujeito para que faça sentido [...]” (Orlandi, 2008, p.102).

Sob esta ótica, o sujeito trabalha com a língua imerso em sua experiência de mundo e determinado pelo ato de significar, situado num contexto sócio-histórico, por conseguinte, conectado com as práticas culturais das quais participa e compartilha, refletida pela interpelação da ideologia que atravessa o processo de significação nas mais variadas situações sociais de práticas de linguagem. Desta maneira, têm-se uma “[...] relação continua entre, de um lado, a estrutura, a regra, a estabilização e o acontecimento, e, de outro, o jogo e o movimento, os sentidos e os sujeitos experimentam mundo e linguagem, repete e se deslocam, permanecem e rompem limites.” (Orlandi, 2008, p.103)

Em se tratando das noções de linguagem, língua, texto e sujeito traçadas até então, pode-se constatar uma linha epistemológica convergente que fundamenta a perspectiva assumida, trata-se pois, de se considerar

estas noções como constituídas em processos comunicacionais intersubjetivos dinâmicos, em constante relação/interação com a exterioridade das práticas verbais de um grupo (amigos, estudantes, pais e filhos, colegas de trabalho, grupo religioso, etc.), de uma instituição (escola, redes sociais, universidade, ambientes de trabalho, comunidade, família, etc.) ou de uma sociedade, em um contexto sócio-histórico determinado, a depender do parâmetro social que se considere para análise.

ntes de avançar para as investigações empíricas tratadas adiante que tem contribuído com a questão da leitura, abordar-se-á o fenômeno do letramento por ser este também um dos componentes ressaltados no estudo aqui desenvolvido acerca da história de leitura construída por estudantes universitários, matriculados em cursos de licenciaturas em duas universidades públicas, localizadas em dois estados do nordeste brasileiro.

Para Rojo (2009) o fenômeno do letramento se ocupa em desvelar os usos e práticas sociais de linguagem que compreendem os modos discursivos valorizados ou não de escrita, que se realizam em múltiplos contextos sociais (família, escola, igreja, trabalho, mídias, etc.). Esta posição está pautada na perspectiva do letramento ideológico de Street (1993) para quem o significado do letramento é determinado pela prática intercultural e intracultural através do tempo, se configurando portanto como práticas variadas em contextos diversificados submetidas a diferentes graus de valorização e atribuindo aos seus participantes poderes também distintos.

Nesta direção, os estudos mais contemporâneos de letramento tem concentrado esforços na heterogeneidade das práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua/linguagem em razão da diversidade dos meios em que a informação transita; da rapidez com que as informações chegam até as pessoas encurtando o tempo de acesso e a distância espacial; além da multiplicidade dos modos de significar que os veículos multimidiáticos e hipermediáticos do texto eletrônico trazem para o ato da leitura. Toda esta dinâmica se configura como múltiplos letramentos, pois provocam mudanças significativas nas maneiras de ler, de produzir e de fazer circular textos nas sociedades. (Rojo, 2009, Beaudouin, 2002 & Chartier, 1997)

Frente ao exposto, pondera-se sobre a natureza complexa e multifacetada da atividade de leitura e ressalta-se que estudar as práticas de leitura demanda, de quem as efetivam, a explicitação do terreno epistemológico onde se assenta o conhecimento que se está produzindo acerca desta temática. Assim, além do conjunto de categorias teóricas que foram elencadas acerca dos componentes envolvidos na produção de leitura, argumenta-se que a leitura agrega valores à construção de conhecimento dos leitores, tanto aqueles ligados aos contextos mais restritos (escola, universidade, trabalho) portanto situados nas práticas mais formais, como também em outros contextos sociais mais amplos (comunidade, rua, ciberespaço).

E, por conta de agregar valores e conhecimentos nos mais variados momentos históricos que constituem a vida das pessoas que a leitura é, por excelência, um fenômeno de inclusão social. Vista também por este prisma, a atividade de leitura promove o desenvolvimento da consciência crítica e da autonomia e emancipação humana porque favorece trocas comunicativas entre os agentes sociais de um determinado contexto sócio-histórico, conduzindo um processo de construção da identidade leitora, cuja formação não se restringe ao espaço escolar. (Freire, 2009, Klaiman, 2006)

Neste sentido, defende-se que realizar estudos com a intenção de saber as instâncias sociais que os estudantes circulam, quais leituras realizaram ou realizam, quais as finalidades que norteiam estas práticas, quem são os agentes com os quais compartilhou ou compartilha os conhecimentos construídos por meio desta atividade, a fim de se compreender as significações elaboradas diante dos desafios instalados nas situações sociais mediadas por novas práticas de leitura são relevantes para conhecer realidades, bem como para propor situações que fomentem leituras voltadas a fruição e não apenas leituras direcionadas para o cumprimento das obrigações acadêmicas. Desta maneira, acredita-se que a relação entre os conhecimentos

apreendidos e a experiência prazerosa estabelecidos no processo de aprendizagem na produção de leitura se enlaçam com vistas à promoção do desenvolvimento integral do leitor.

### **Leitura como gesto de inclusão social**

Fica patente nas pesquisas que a leitura não é uma atividade que acontece como um processo natural e espontâneo, mas como um processo socialmente construído, através de situações de mediação desta atividade por agentes humanos ou espaços institucionais relevantes na vida dos leitores, como pais, professores, amigos, escola, igreja, vizinhança, biblioteca dentre outros.

Assim, Grotta (2000) ao estudar as histórias de mediação de leitores autônomos, enfatiza que estes tiveram em suas vidas a presença de mediadores que garantiram a aproximação afetiva entre eles e o ato de ler; entre esses mediadores destaca-se a figura do professor, às vezes um único professor em toda a vida escolar, mas com uma presença tão impactante na vida do sujeito que acaba por determinar uma relação autônoma e perene com a leitura.

Já Souza (2005) analisou o papel da mediação familiar no processo de constituição de jovens leitores. Os dados coletados através de entrevistas realizadas com jovens adolescentes que leem sem a estimulação do adulto, revelam o importante papel que a família pode ter nesse processo. Alguns fatores determinantes da leitura foram identificados no ambiente familiar: disponibilidade de acesso a livros em casa; local adequado para a guarda de livros, bem como para a prática de leitura; observação dos atos de leitura realizados pelos pais; momentos de leitura previstos na rotina familiar, embora cada um leia seu texto predileto; momentos de discussão sobre obras lidas, envolvendo pais e filho e; por último, ausência de um caráter obrigatório para as práticas de leitura.

Leite e Higa (2011), ao desenvolver pesquisas em sala de aula, apontam relações que se efetivam na experiência entre o sujeito e a leitura que extrapolam os aspectos cognitivos, incluindo marcadamente a dimensão afetiva, produtora de movimentos de aproximação ou de afastamento, dependentes da história de mediação vivenciada pelo sujeito em relação à leitura. Segundo este autores, essa história é individual, mas socialmente constituída, através de relações concretas, observáveis, vividas com afetividade entre pessoas, podendo gerar relações de amor ou de ódio.

Leite (2012) afirma que estudos voltados para prática de letramento favorecem o processo de alfabetização, pois é necessário alfabetizar os cidadãos para que possam envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, condição necessária, embora não suficiente, para o exercício da cidadania, de forma plena e consciente.

No entanto, Silva (2012) afirma que o valor da leitura acontece mais em função da necessidade de atualização de conhecimento do que por outras motivações. Ainda destaca que a escola trabalha basicamente com a transmissão do conhecimento e com formação humana, sendo majoritariamente, no interior desta instituição, que esse valor pode ser correspondido através de experiências diversas desenvolvidas a partir da leitura.

Apesar do valor social da leitura ser um dos argumentos centrais nos estudos elencados, é percebido que a atenção está voltada para leitores crianças e leitores adolescentes. Outro ponto em comum observado,

é que, a maioria destaca o espaço escolar como instância social, por excelência, favorecedora das práticas sociais de leitura, embora não desconsiderem outras instâncias sociais que propiciam o desenvolvimento do leitor.

Por outro lado, em função da prática social de leitura se constituir como atividade contínua e essencial numa sociedade cujo signo verbal é um dos meios mais usuais na comunicação intersubjetiva, é que defende-se aqui a necessidade de se avançar com pesquisas que se dediquem a este fenômeno também em outros espaços e contextos culturais além da escola e com crianças e jovens. Desta maneira, a seção seguinte é composta por um conjunto de estudos que focaliza processos de leitura no ensino superior, já que trabalho dimensionado aqui enfatiza este nível da educação formal.

### **A leitura no ensino superior**

Carvalho (2002), defende o desenvolvimento de uma pedagogia da leitura nos currículos das licenciaturas, já que terão a responsabilidade de trabalhar com que as crianças e jovens sobre os usos sociais da leitura e da escrita dentro e fora da escola para fins sociais de comunicação, expressão pessoal, busca e registro de informações e ainda para a fruição da literatura como experiência estética.

Santos, Suhero & Oliveira (2004) analisaram a relação entre a compreensão em leitura e o rendimento acadêmico em disciplinas específicas do curso de Psicologia. Participaram 115 universitários ingressantes de uma universidade do interior paulista. Foram aplicados dois textos preparados segundo a técnica de Cloze e um questionário com questões fechadas, visando identificar os tipos de avaliação de aprendizagem utilizados pelos professores. Os resultados obtidos evidenciaram a existência de índices de correlação positiva entre os escores somados dos testes de Cloze e as notas obtidas em cada disciplina cursada. Levando-as a concluir que a compreensão em leitura relaciona-se com o desempenho acadêmico, especialmente quando a nota é resultante de uma produção individual do aluno na situação de avaliação.

Outro estudo conduzido por de Oliveira e dos Santos (2008) acerca da compreensão em leitura na universidade, com 35 universitários do curso de administração de empresas, de uma universidade privada do estado de São Paulo, que efetivamente participaram das aulas da disciplina Leitura e Produção de Textos (LPT). Para mensurar a compreensão em leitura foi empregado um texto elaborado em Cloze. Durante as aulas de LPT foram adotados materiais didáticos que abordavam os conceitos de gêneros textuais, fichamento, resumo e resenha, condições de produção, recursos expressivos e análise e interpretação de textos. Os dados evidenciaram melhora significativa da compreensão textual dos estudantes participantes, do pré-teste para o pós-teste, aplicados respectivamente antes e depois do oferecimento da disciplina.

Em seu estudo, Tourinho (2011), defende a ideia de que faz-se necessário ampliar as pesquisas a fim de ser conhecer o comportamento de leitura e a compreensão de textos em universitários, pois este se constituem em elementos fundamentais no Ensino Superior e argumenta que conhecer de modo mais objetivo a realidade e as dificuldades de leitura apresentadas pelos estudantes universitários pode servir de subsídios para ações aplicadas na melhoria da formação acadêmico-científica dos profissionais que são lançados no mercado de trabalho.

Com efeito, de Oliveira (2011) explorou a compreensão em leitura de estudantes universitários de diferentes Estados, universidades e cursos. Participaram 1022 universitários dos cursos de Administração, Direito, Psicologia, enfermagem, odontologia, educação física e Matemática de universidades públicas e

privadas dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Foi utilizado um texto de 250 vocábulos, preparado segundo a técnica de Cloze, em sua versão tradicional, em que se omitem todos os quintos vocábulos do texto. A aplicação foi coletiva, e os dados, submetidos à estatística descritiva e inferencial. A habilidade de compreensão de leitura foi baixa, e houve diferença na dificuldade relacionada às classes gramaticais. Os dados são discutidos em termos de suas implicações para a área de avaliação psicoeducacional.

Para dos Santos (2015) repensar o ensino superior a partir do trabalho com leitura é um desafio constante para o professor que deve desenvolver no aluno a capacidade de aprender a aprender. Aponta a questão da provisoriedade do conhecimento que por isso imprime a necessidade de criação e renovação a todo momento.

Gonçalves (2015), ao realizar um estudo de caso, analisou os modos de representações psicológicas, linguísticas e discursivas materializados em textos empíricos por uma agente-leitora na situação de significação de leitura de um artigo de opinião, de uma crônica e de um artigo científico. Dentre outros achados, concluiu que a recepção textual, na perspectiva de compreensão de leitura como um trabalho interlocutivo e colaborativo, acontece, de fato, na relação entre leitor-texto-autor.

Todavia, percebe-se nos estudos relacionados a leitura no Ensino Superior, enfoques distintos em termos das abordagens metodológicas assumidas, evidenciando a uma prática de pesquisa multifacetada neste campo. Diante disso, o trabalho em tela descrito e discutido em seguida configura-se como mais um estudo voltado a prática de leitura no ensino superior, é parte de uma pesquisa desenvolvida com leitores universitários focalizada em suas histórias de leitura e em suas concepções sobre esta prática social. (Ferreira e Gonçalves, 2008).

## Método

O aporte metodológico deste trabalho é de natureza qualitativa e sistêmica, de base idiográfica, uma vez que se propõe a “[...] entender/interpretar as significações que uma pessoa dá aos fenômenos em foco, [...] em que são valorizados o contato pessoal e os elementos do *setting* natural do sujeito [...]” (Turato, 2004, p. 26), bem como implica, por parte do pesquisador, assumir que o fenômeno é estudado como um sistema que faz parte de um contexto particular e, portanto, não pode ser separado dele para explicá-lo e, sendo assim, um sistema complexo, dinâmico, propiciador de contínuas negociações de significados no ato da interpretação. (Rondel, 2003; Schwandt, 2006)

Por essa razão, realizou-se entrevista individual sobre histórias e condições de leitura dentro e fora do espaço escolar e acadêmico com estudantes universitários para possibilitar uma análise integrada entre o local em que ocorre o fenômeno, os atores envolvidos, os eventos ocorridos e os processos dinâmicos que os constituem, Gil (2009), compatibilizada com a proposta analítica da pesquisa, se configurando de modo multidimensional e integrado, composto por um movimento dialético contínuo.

Este estudo foi dimensionado a partir do material existente no banco de dados do Grupo de Estudo e Pesquisa em Linguagem, Letramento e Leitura (GEPELLL), o qual é vinculado ao diretório geral de pesquisa do CNPq. Em específico, os dados aqui analisados foram construídos em função dos objetivos propostos no projeto de pesquisa interinstitucional intitulado “Constituição do professor-leitor: estudo exploratório das condições de leitura e compreensão textual em alunos universitários” (Ferreira e Gonçalves, 2008).

Ressalta-se que este projeto contou com financiamento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE).

O material empírico desta pesquisa foi construído em duas universidades públicas localizadas em dois estados do Nordeste do Brasil a saber: (i) na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na Unidade Acadêmica localizada na cidade de Recife/PE, no Centro de Educação (CE), e; (ii) na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), localizado na cidade de Campina Grande/PB, no Centro de Educação (CEDUC) por duas bolsistas de iniciação científica, sendo uma graduanda do curso de Pedagogia da UFPE e a outra graduanda de Pedagogia da UEPB, sob a orientação das professoras coordenadoras do projeto.

Os participantes da pesquisa eram, à época, estudantes de graduação matriculados em períodos variados de formação, do 5º ao 10º período, pertencentes a cursos de licenciatura também diversos. No caso da UFPE, haviam três estudantes cursando Pedagogia, duas cursando Letras, um cursando Licenciatura em Música, um cursando Licenciatura em Física, três cursando Licenciatura em Educação Física e, por último, uma cursando Licenciatura em Biologia.

Já no grupo de participantes da UEPB, haviam seis cursando Pedagogia, três cursando Licenciatura em História, um cursando Licenciatura em Educação Física, quatro cursando Licenciatura em Geografia, três cursando Licenciatura em Letras, dois cursando Licenciatura em Química e uma cursando Licenciatura em Psicologia. Assim, no total foram entrevistados 31 estudantes das duas instituições, sendo 22 do sexo feminino e 9 do sexo masculino, com faixa etária entre 20 a 35 anos.

Os encontros para realização das entrevistas individuais aconteceram nas dependências das duas instituições envolvidas, em locais adequados para que a audiogravação ocorresse com mínima interferência sonora, e para que a interação entre o participante e a pesquisadora pudesse fluir com a maior naturalidade possível. As entrevistas aconteciam com base num roteiro semiestruturado descrita a seguir.

### **Material de análise**

O material analisado e discutido aqui consiste nos resultados obtidos por meio de um roteiro semiestruturado de entrevista, composto por quatro questões relacionadas as histórias e condições de leitura dentro e fora do espaço escolar e acadêmico de estudantes universitários de vários cursos de licenciaturas conforme informado na seção anterior. As questões realizadas foram:

- Como você se constituiu leitor?
- Que situações de leitura você vivenciou ou vivencia?
- Qual a sua relação com a leitura?
- Como você define leitura?

Após a conclusão do material produzido durante as entrevistas, foi conduzida a análise dos dados disposta na seção seguinte.



## Resultados e discussão

De posse do material transcrito, caminhou-se com a interpretação dos dados à luz do posicionamento teórico e metodológico assumido neste trabalho. Nesta direção, a análise foi consubstanciada por meio do levantamento das temáticas abordadas em cada uma das quatro questões do roteiro semiestruturado da entrevista aqui elencadas. (Gomes, 1994).

### Temática A - A constituição dos leitores

Esta temática foi construída em função de ter como um dos objetivos conhecer a história de leitura destes leitores, pois defende-se aqui a noção de sujeito-leitor que se desenvolve situado em um dado contexto sócio-histórico, compartilhando práticas culturais. Assim “[...] O sujeito se constitui como leitor dentro de uma memória social de leitura [...]” (Nunes, 2003, p. 25).

Com efeito, observou-se que oito estudantes informaram que a sua constituição leitora deu-se apenas no espaço escolar, outros oito estudantes mencionaram a contribuição da família neste percurso, cinco deles trouxeram a universidade como promotora da ação de leitura. No entanto, quatro estudantes ressaltaram a motivação subjetiva pela leitura.

Ainda em termos da constituição leitora, alguns estudantes estabeleceram relações entre dois espaços institucionais e/ou culturais. Do total de estudantes entrevistados, três relacionaram a família e a escola como representativas neste processo, dois estudantes relacionaram a construção subjetiva pela leitura com o período da escolarização básica, um deles relacionou o trabalho e a universidade como determinantes deste processo pessoal, e, por último, um estudante relacionou a sua construção subjetiva de leitor com as leituras demandas pela universidade.

Estes resultados coadunam com os achados de Grotta (2000) e Souza (2005), e com a perspectiva discursiva de leitura e de leitor de Orlandi (2006b), uma vez que a história de leitura do leitor é marcada por múltiplos acontecimentos. Orlandi (2003), ao realizar uma pesquisa para compreender como funciona a relação do sujeito brasileiro com a leitura e como isso se apresenta na escola, destaca que não se tem uma única forma de leitor mas uma variedade de leitores e, além disso, o próprio leitor muda conforme as situações de linguagem, trata-se, de uma atividade que está, indissociavelmente, atrelada ao contexto sócio-histórico.

Logo, mesmo em uma sociedade letrada, cuja instituição acadêmica, quer seja a escola básica ou a instituição de ensino superior, é um dos contextos sócio-históricos em que os leitores se constituem, mas não as únicas, haja vista que a família e o trabalho também apareceram como instâncias sociais que promovem o desenvolvimento do leitor.

Um dado que chama atenção aqui, diz respeito a motivação subjetiva pela leitura, o que leva-nos a pensar que o interesse pessoal por esta atividade é constituída por uma relação afetiva com o conhecimento, indo ao encontro do posicionamento de Leite e Higa (2011), sobre a relação entre afetividade e prática de leitura. Trata-se daquele leitor que toma iniciativa, que busca a leitura independente do incentivo de outros

leitores ou por práticas sociais de leituras presentes nas instituições, por excelência, em que o ato de ler é imperativo, como no caso das instituições educacionais, já que estas instâncias sociais lidam diretamente com a transmissão do conhecimento, como bem advertem Silva (2012) e Carvalho (2002).

### **Temática B - As situações de leitura**

Em termos das situações de leitura que os estudantes haviam vivenciado desde a infância até o momento da pesquisa, evidenciou-se que eles significaram estas vivências tanto em termos dos tipos de suportes da escrita (livros, revistas) como com os gêneros textuais (história em quadrinho – HQ, artigos científicos) que leram no passado ou que estavam lendo no presente. Outro ponto de destaque, é que cada estudante trouxe mais de uma situação de vivência de leitura, melhor dizendo, apontou mais de um tipo de suporte de escrita e mais de um gênero textual que leram ou que estavam lendo na ocasião da pesquisa.

Assim, tiveram quinze universitários que mencionaram terem lido ou estarem lendo textos da universidade, doze que disseram que leram ou estavam lendo revistas e jornais, onze deles informaram o livro como situação de leitura pretérita ou atual, sete colocaram que leram ou liam, na ocasião na pesquisa, livros literários e sete mencionaram a leitura de artigos científicos. Ainda cinco estudantes trouxeram a leitura de gibi, dois deles liam HQ e apenas um estudante afirmou ler a Bíblia.

Esta questão das situações de leitura que vivenciaram até o momento da pesquisa remete as práticas sociais de letramento, nos usos que os sujeitos fazem da língua e da linguagem, por meio da multiplicidade de leituras que realizam, pois tanto leem os textos, livros e artigos científicos exigidos nas práticas de leitura da universidade, como fazem leitura de textos literários e de leituras voltadas para a descontração e para o lazer como é o caso do gibi e do HQ, e ainda, se realiza leitura em função da prática religiosa que cultiva. (Rojo, 2009, Beaudouin, 2002 & Chartier, 1997)

Além das práticas sociais de letramento evidenciadas por intermédio das leituras variadas que os estudantes realizaram ou estavam realizando, evidenciou-se outro aspecto, trata-se de um dos componentes que compõe as condições de produção de sentidos na leitura: a intertextualidade. A medida que produzem múltiplos e variados modos de leitura, amplia a sua capacidade de proliferação de sentidos, uma vez que os sentidos não estão estagnados na materialidade textual, mas na relação discursiva de um texto com outros em termos da existência concreta, da possibilidade e da imaginação destes interlocutores. Logo um jogo discursivo que se instala na relação autor e leitor, viabilizado pela natureza incompleta dos textos e pelo trabalho simbólico que se constitui nas práticas sócio-históricas de leitura. (Orlandi, 2008, 2006a & Gonçalves, 2015)

### **Temática C - Relação com a leitura**

A relação com a leitura foi outro tema abordado com os universitários, haja vista que estes participantes estavam realizando a profissionalização acadêmica para atuar na atividade de ensino, já que cursavam licenciatura. Sabe-se que, grande parte da atividade docente, é desenvolvida tendo a leitura como um dos eixos estruturantes do trabalho pedagógico deste profissional. A rotina de planejamento do ensino, a orientação de atividades, as pesquisas constantes por novos conhecimentos e por novas abordagens teóricas

e metodológicas, os processos avaliativos da aprendizagem e do ensino, dentre outras atividades profissionais realizadas pelo docente, demanda, inexoravelmente, atos de leitura para que o trabalho pedagógico se corporifique. Desta maneira, buscou-se evidenciar de que forma estes universitários estabelecem relações com a leitura.

Além da perspectiva profissional que alia objetividade ao ato de ler, têm-se em conta os interesses pessoais ligados não apenas ao pragmatismo da linguagem vinculadas às práticas sociais de leitura, pois a emoção e os sentimentos também constituem as relações que se estabelecem entre os leitores e as leituras, então a subjetividade é uma dimensão essencial a ser considerada. Desta forma, objetividade e subjetividade nos processos de leitura dos leitores são dimensões que constituem, simultaneamente, os processos de desenvolvimento, de autonomia e de construção sócio-histórica da criticidade do leitor. (Freire, 2009; Silva, 2012 & Tourinho, 2011)

Sendo assim, observou-se que quatorze estudantes relacionaram a leitura a busca de conhecimento, quinze estabeleceram relação com o prazer de ler, cinco pontuaram a questão da obrigação, dois deles fizeram relação com a busca por entretenimento, dois colocaram a sua relação frente a leitura como uma questão de intimidade, um deles pontuou a sua relação com a leitura como uma prática de liberdade, e, por último, um dos estudantes relacionou a leitura a uma questão de afinidade.

Estes resultados acerca da relação dos leitores aqui entrevistados com a leitura remetem a indissolubilidade entre as dimensões objetivas e subjetivas que atravessam os posicionamentos pessoais destes universitários. O contexto sócio-histórico de produção de leitura, determina os deslocamentos e produções de sentidos atribuídos pelas pessoas na situação imediata quando se é convocado a refletir sobre tal relação.

Por estar no espaço universitário, sendo este o contexto sócio-histórico imediato, onde aconteceu a entrevista, certamente levou este leitor a produzir sentidos sobre sua relação com a leitura ligada a dimensão objetiva, quando grande parte deles, trazem aspectos ligadas a busca de conhecimento, a obrigação, já que no espaço acadêmico, a maioria das leituras que circulam estão atreladas ao cumprimento de deveres/ tarefas intelectuais e a produção de conhecimento científico.

Ao mesmo tempo, verificou-se a dimensão subjetiva na relação destes leitores universitários com a leitura, pois houve posições pessoais sobre esta relação pautadas no prazer de ler, na intimidade com a leitura, em práticas de liberdade, de entretenimento e de afinidade. Destacando assim, que a prática de leitura destes leitores são atravessadas por outras determinações sócio-históricas que não somente aquelas ligadas ao espaço acadêmico constituídas nas suas experiências intersubjetivas e institucionais (família, amigos, trabalho, igreja, etc.). (Freire, 2009 & Street, 1993)

#### **Temática D - Definição de leitura**

Outra questão fundamental abordada durante a entrevista, diz respeito a definição que os estudantes formulam em relação a leitura. Este tema está enlaçado com a temática A, que trata da constituição leitora destes estudantes pois acredita-se que a significação de leitura é um processo que acontece atravessado pelas múltiplas experiências que o leitor vivenciou ou vivência.

Desta maneira, nove estudantes definem leitura como compreensão, seis como questionamento, cinco deles como esclarecimento, reflexão e a abertura de mundo, três como processo político, cinco estudantes como diálogo, dois como comunicação, e, por último, um deles concebeu a leitura como hábito construído.

Então, observou-se que as definições de leitura destes estudantes se apoiam numa perspectiva histórico-cultural e sociocognitiva de linguagem e de língua para dizerem como significa leitura para si próprio, uma vez que a concebem como compreensão, comunicação, reflexão, diálogo dentre outros termos assinalados. Com isso, observa-se que o outro está presentificado na produção de sentidos destes estudantes, pois o outro não está dito explicitamente, mas está posto nas definições que estes leitores elaboram acerca da leitura. (Marcuschi, 2008, Orlandi, 2006b & Ducrot, 1987)

Com efeito, os dados aqui discutidos evidenciam histórias, situações e concepções de leitura de estudantes universitários configuradas por meio de práticas sociais inclusivas e colaborativas. Neste sentido, reitera-se que a atividade de leitura e a constituição do leitor acontece por meio dos contextos sócio-históricos vivenciados. A leitura não é uma atividade espontânea e natural, prescinde do outro para que seja desenvolvida, quer seja o outro uma pessoa empírica (familiares, professor, amigos), quer seja o outro institucionalizado (igreja, escola, trabalho, universidade, família). (Kleiman, 2006; Ferreira & Gonçalves, 2008; Gonçalves, 2015 & Street, 1993)

### **Considerações finais**

A leitura e o leitor universitário foi o interesse primário deste trabalho com objetivos pautados no conhecimento da história de leitura de leitores universitários, na identificação de situações de leitura com vistas a processos de inclusão social e no reconhecimento das concepções e relações destes leitores com a leitura.

Neste sentido, a constituição leitora dos estudantes foi marcada pela interação com outros sujeitos e com a participação em contextos sócio-históricos variados, evidenciando que a leitura é uma atividade social por excelência. Além disso, os dados revelaram que a escola, a família e a universidade são instituições formadoras de leitores.

Quanto as situações de leitura, significadas como os tipos de suportes de escrita que acessavam e os gêneros textuais que os universitários leram ou que estavam lendo, revelou-se variada e articulada aos usos sociais que realizam da língua e das linguagens, materializando múltiplas práticas de letramento, apontando a leitura de revistas, jornais, gibis, livros, livros literários, artigos científicos e textos acadêmicos como os materiais lido com maior frequência.

Já em termos da relação que estes leitores estabelecem com a leitura, constatou-se a dialética entre a objetividade, relacionadas aquelas leituras exigidas no âmbito do trabalho, do estudo, da profissionalização, e a subjetividade, por expressarem o prazer de ler e a afinidade com a leitura. E, por último, verificou-se que as definições de leitura formuladas estão interrelacionadas a constituição leitora dos universitários.

No entanto, muito longe de esgotar as considerações enfatizadas em torno da história de leitura de

leitores universitários, dada a sua extensão e complexidade, é que postula-se a necessidade de novas investigações sobre a temática aqui abordada para aprofundar questões relacionadas a: como tem acontecido o ensino de leitura na universidade? Embora o estudo conduzido por de Oliveira e dos Santos (2008) tenha investigado este enfoque à luz de uma metodologia de intervenção, mas a proposta aqui é que se conduza um estudo pautado numa abordagem metodológica idiográfica fundamentada na perspectiva epistemológica configurada neste trabalho.

Além disso, quais práticas de leitura se efetivam no contexto universitário? É pensado como outro questionamento considerado como importante para encaminhamentos de novas investigações. Por último, afóra estes questionamentos que podem nortear novas pesquisas neste campo, destaca-se a motivação subjetiva pela leitura que emergiu aqui, como mais um tema relevante para novos estudos.

### Referências

- Beaudouin, V (2002). De la publication à la conversation. Lecture et écriture électroniques. *Réseaux*, vol 20, n°116, pp. 199-225.
- Carvalho, M. (2002). A leitura dos futuros professores: por uma pedagogia da leitura no ensino superior. *Teias*: Rio de Janeiro, ano 3, nº 5, jan/jun. pp. 1-19.
- Chartier, R. (1997). A morte do leitor. *Revista Nexus*. São Paulo, ano IV, nº 6, pp. 15-24.
- De Oliveira, K. L. (2011). Considerações acerca da compreensão em leitura no ensino superior. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (4), pp. 690-701.
- De Oliveira, K. L., & dos Santos, A. A. A. (2008). Estudo de intervenção para a compreensão em leitura na universidade. *Interação em Psicologia*, 12(2), p. 169-177. 1
- Dos Santos, S. D. J. B. (2015). A importância da leitura no ensino superior. *Revista de educação*, 9(9), pp. 77- 83.
- Ducrot, O. (1987). O dizer e o dito. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes.
- Ferreira, S. P. A, Gonçalves, F. M (2008). *Constituição do professor-leitor*: estudo exploratório das condições de leitura e compreensão textual em alunos universitários. Instituição de Fomento: FACEPE APQ-0375-7.07/08. Vigência do projeto: 2008-2010.
- Freire, P. (2009). *A importância do ato de ler*: em três textos que se complementam. 50ª edição. São Paulo: Cortez.
- Gil, A. C. (2009). *Estudo de caso*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, R. (1994). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In M. C. de S. Minayo (organizadora), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª edição, pp. 67-80. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gonçalves, F. M. S. da (2015). *Significação de gêneros de textos por uma agente-leitora universitária*. Tese de

- Doutorado em Psicologia Cognitiva. Recife. Universidade Federal de Pernambuco. 199f.
- Grotta, E. (2000). *Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- Kleiman, A. B. (2006). Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento social. *Filol. lingüíst. port.*, n. 8, pp. 409-424.
- Leite, S. A. S. (2006) (Org.) Afetividade e práticas pedagógicas. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Leite, S. A. S. (2012) Alfabetizar para ler: ler para conquistar a plena cidadania. In: Retratos de leitura no Brasil 3. Zoara Failla (org). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Instituto Pró-Livro, p. 63-81.
- Leite, S. A. S.; Higa, S. E. L (2011). Aproximação e afastamento na relação entre crianças e as práticas de leitura: o papel da mediação pedagógica do professor. In: LEME, M. I. S.; OLIVEIRA, P.S. (Orgs.) Proximidade e Distanciamento. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Nunes, J. H. (2003). Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade. In E. P. Orlandi, (organizadora). *A leitura e os leitores*. 2ª edição, pp. 25-47, Campinas, SP: Pontes.
- Orlandi, E. P. (2003). A leitura proposta e os leitores possíveis. In E. P. Orlandi, (organizadora). *A leitura e os leitores*. 2ª edição. (pp. 7-24) Campinas, SP. Pontes.
- Orlandi, E. P. (2006a). *Discurso e leitura*. 7ª edição. São Paulo: Cortez.
- Orlandi, E. P. (2006b). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª edição. 4ª reimpressão. Campinas, SP: Pontes Editores.
- Orlandi, E. P. (2008). *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3ª edição. Campinas, SP: Edições Pontes Editores.
- Rojo, R. (2009). *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Rondel, L. D. S. (2003) Las perspectivas nomotética e ideográfica en el trato a la realidad estudiada por las ciencias sociales. *La revista arbitrada Orientación y Consulta*, v. 9, n. 1.
- Santos, A. A., Suehiro, A. C., & Oliveira, K. L. D. (2004). Habilidades em compreensão da leitura: um estudo com alunos de psicologia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, pp. 29-42.
- Schwandt, T. A. (2006) Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Noeman K.; LINCO, S. (Col.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- Silva, E. T. (2012). A escola e a formação de leitores. In *Retratos de leitura no brasil 3*. Zoara Failla (org). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Instituto Pró-Livro, pp. 106-115.
- Silva. L. M. (2005). *Memórias de leitura: a constituição do leitor escolar*. Dissertação de Mestrado. Faculdade

de Educação. Universidade Estadual de Campinas.

Street, M. B. (1993). *Cross-cultural approaches to literacy*. New York: Cambridge University Press.

Tourinho, C (2011). Refletindo sobre a dificuldade de leitura em alunos do ensino superior: “deficiência” ou simples falta de hábito? *Revista Lugares de Educação*, Bananeiras/PB, v. 1, n. 2, jul.-dez. pp. 325-346

Turato, E. R. (2004). A questão da complementaridade e das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. In: Grubits, Sonia; Noriega, José Angel Vera (Orgs.). (2004). *Método qualitativo: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação*. São Paulo: Vetor. pp. 17-52.2